

GÊNERO E MULHERES NA ANTIGUIDADE: UMA ANÁLISE POR MEIO DE LIVROS DIDÁTICOS

Lourdes Conde Feitosa¹

Mariane Pizarro de Souza²

Resumo

O presente texto propõe uma reflexão a respeito de como as questões de gênero e a Histórias das mulheres da Antiguidade estão presentes em Livros Didáticos indicados nas escolas públicas de todo o país, além de comentar sobre a ligação destes com a BNCC e o processo de seleção. Para realizar tal objetivo, foram elencados três materiais, de editoras diferentes, direcionados ao 6 ano do Ensino Fundamental II, uma vez que é nessa etapa que o ensino sobre Antiguidade está previsto. Tais livros chegaram nas escolas em 2020 e serão utilizados até 2022. O estudo foi realizado utilizando a metodologia de análise documental, apoiando-se nas teorias de gênero e no multiculturalismo. No decurso das análises dos materiais, procurou-se estudar em quais espaços e sob quais perspectivas as mulheres são apresentadas nos livros didáticos. Os conteúdos abordados, as discussões, ou não, a respeito do termo gênero, e como as imagens de figuras femininas são utilizadas enquanto recurso pedagógico.

Palavras-chave

História das Mulheres; Antiguidade; gênero; livro didático.

¹ Professora Doutora - Universidade Sagrado Coração, Bauru, Brasil. E-mail: loufeitosa@uol.com.br

² Doutoranda - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Araraquara, Brasil. E-mail: marianepizarro@yahoo.com.br

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

Abstract

This article proposes a reflection on how gender issues and women's real life stories in Ancient History are present in workbooks used in public schools nationwide, in addition to commenting on their connection with the BNCC and the selection process. To achieve this goal, we have analyzed three different materials from different publishing houses aimed at the 6th grade of Elementary School II, when the teaching on Ancient History is foreseen. Such books have arrived at schools in 2020 and will be used until 2022. The study was carried out using the documentary analysis methodology and was based on gender theories and multiculturalism. During the analysis of the materials, we have studied in which spaces and from what perspectives women are presented in the workbooks, including the contents covered, if there are discussions about the term 'gender' and how images of female figures are used as a pedagogical resource.

Keywords

Women's History; Ancient History; gender; workbook.

Introdução

As mulheres e suas Histórias foram deliberadamente silenciadas dos estudos acadêmicos e dos livros de História pelos historiadores positivistas europeus do século XIX, cujo interesse de estudo estava centrado em construir e/ou solidificar as identidades nacionais de seus países, utilizando como fontes históricas unicamente documentos ligados ao Estado e a Igreja.

No início do século XX, em 1929, um novo movimento historiográfico surge na França, *L'École des Annales*, a qual representou uma mudança paradigmática para ciência histórica, deslocando os olhares de uma História essencialmente política para uma História do social, além de expandir as fontes históricas e métodos de pesquisa. Apesar de as mulheres não se tornarem objetos de estudo dos historiadores nesse momento, os Annales abriram o caminho para que isso ocorresse em um futuro próximo.

Nos anos 1960, vários movimentos sociais e acadêmicos ganharam força, e dentre eles estava a segunda onda do movimento feminista, cujas pesquisas buscam compreender o cerne da subserviência feminina e das desigualdades entre homens e mulheres. A partir desse momento, alguns historiadores, e principalmente, historiadoras se debruçaram a estudar a figura feminina como um sujeito histórico.

Com o avanço e os desdobramentos das pesquisas feministas e historiográficas, ao longo da década de 70 e 80, uma nova categoria analítica é formulada: o gênero. De acordo com Scott (1990), gênero é a compreensão de que as concepções de feminino e masculino são construções socioculturais engendradas a partir dos sexos biológicos dos sujeitos, ou seja, as características atribuídas aos sujeitos homens e mulheres não são naturais, elas são constituídas por meio das relações e assimetrias de poder em uma determinada cultura.

Atualmente, a História das Mulheres e as relações de gênero são temáticas consagradas e recorrentes em pesquisas, não somente na Europa ou Estados Unidos, como também na América Latina e no Brasil. Por meio dessas pesquisas, novas leituras sobre os papéis e vivências femininas em diversos períodos e sociedades foram feitas, incluindo sobre as mulheres na Antiguidade. Ademais, gênero se transformou em uma categoria interdisciplinar sendo utilizado em diversos estudos ligados ao direito, psicologia, psiquiatria, sociologia, antropologia, sexualidade, educação sexual e entre outros.

Partindo dessas reflexões, uma problemática pode ser levantada: Como a História das Mulheres, e principalmente, das figuras femininas da Antiguidade, é abordada nos livros didáticos de História que circulam pelo país? Como e se a categoria de gênero é trabalhada nos materiais escolares? Visando responder a esses questionamentos, foram elencados³ três livros didáticos de História, de coleções diferentes, direcionados ao 6º ano do Ensino Fundamental II, uma vez que o conteúdo de Antiguidade está previsto no currículo deste nível de ensino. Tais materiais foram distribuídos, teoricamente, em todas as escolas públicas do país no ano de 2020, e seguirão sendo utilizados até 2022.

O estudo é analítico-descrito e foi realizado por meio da metodologia da análise documental, a qual consiste em o pesquisador aprofundar seu olhar em um determinado documento escrito, buscando comprovar, ou não, as suas hipóteses de pesquisa, que foram elaboradas a partir de seu arcabouço teórico (Lüdke; André, 2015). No caso dos livros, buscou-se estudar quais espaços as mulheres e suas Histórias ocupam em suas páginas, analisar os conteúdos abordados, incluindo as imagens das figuras femininas.

A investigação foi realizada baseando-se, além da própria categoria gênero, nas teorias do currículo multiculturalista, as quais afirmam que as relações hierárquicas de poder constroem as visões sociais que segregam o que é considerado “normal” ou “positivo” daquilo que seria o “Outro”, ou o “negativo”. Dessa forma, um currículo multiculturalista não estaria preocupado somente em promover conteúdos e métodos para desenvolver o respeito e tolerância ao diferente no alunato, como possibilitar que os educandos compreendam como as diferenças e desigualdades foram e ainda são constituídas nas relações humanas.

Contudo, antes de aprofundar as discussões sobre o multiculturalismo, é necessário conceituar e compreender as diversas facetas que envolvem produção e distribuição dos livros didáticos.

Livros didáticos: paradigmas e discussões

O livro didático é um material presente nas salas de aulas brasileiras desde o século XIX e constitui um dos principais suportes teóricos, metodológicos e pedagógicos do trabalho dos docentes e alunos. É essencial nas escolas

³ A escolha dos livros foi realizada a partir da disposição destes na escola em que uma das autoras ministrava aulas em 2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

públicas, onde o acesso a computadores e a outros artefatos eletrônicos ainda é limitado.

O livro didático desempenha um papel central no cotidiano dos alunos e docentes de todos os níveis do ensino brasileiro, além de ser o produto mais vendido pelo mercado editorial brasileiro. Distribuído em âmbito nacional, o livro didático é considerado um fiel depósito de conhecimentos e informações das mais diversas disciplinas escolares, constituindo-se no principal instrumento pelo qual muitos professores se pautam para organizar as atividades didático-pedagógicas e planejar todo o ano letivo (Gatti, 2004).

Para conceituar e esclarecer a complexidade e os diversos processos que envolvem a confecção e os diferentes usos dos livros didáticos, Bittencourt (2006) elenca quatro aspectos centrais: antes de tudo, o livro didático é uma *mercadoria* e obedece à evolução tecnológica na sua produção, assim como à lógica de mercado durante a sua comercialização, afinal, o material é um bem de consumo. O texto produzido pelo(s) autor(es) sofrerá interferências de diversos agentes ao longo de todo o processo de fabricação e comercialização, como a do editor e dos vários técnicos especializados no processo gráfico, como ilustradores e programadores visuais. É importante ressaltar que, como um objeto cultural, o livro didático impõe uma forma de leitura organizada por diversos profissionais e não necessariamente pelo autor.

A obra didática também é um “depositório dos conteúdos escolares” (Bittencourt, 2006: 72), ou seja, é um suporte básico no qual os conteúdos e saberes vistos como necessários pelo currículo vigente são sintetizados e sistematizados, por conseguinte, é por seu intermédio que as informações consideradas fundamentais por uma determinada época e sociedade são transmitidas para docentes, alunos e pais. No processo de transposição dos conteúdos acadêmicos para saberes escolares, o livro didático formula padrões linguísticos e específicas formas de comunicação na construção de textos com vocabulário próprio, organização de conceitos e capítulos, escolha das ilustrações e outros textos de apoio, dentre outros aspectos. (Bittencourt, 2006).

Ademais, o livro didático é um “instrumento pedagógico” (Bittencourt, 2006: 72) que não pode ser dissociado, tanto na sua elaboração quanto na sua utilização, dos métodos e estruturas curriculares de seu tempo. Nesse sentido, o material didático confecciona as estruturas e elabora as condições de ensino para o docente, sendo comum a existência do “livro do professor” separado do “livro do aluno”. O material didático também traz, em suas páginas, determinadas atividades pedagógicas e técnicas de

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

aprendizagem como questionários, exercícios, sugestões de trabalho, entre outras tarefas que os educandos devem desempenhar a fim de assimilarem o conteúdo. Enfim, os livros escolares, além de apresentarem o conteúdo, ditam e sugerem como ele deve ser aplicado e ensinado.

O último aspecto apontado pela autora é o livro didático como um importante “veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura.” (Bittencourt, 2006: 72) O manual escolar, assim como qualquer outro artefato antrópico, é um produto de seu tempo, um objeto confeccionado e elaborado com uma intencionalidade e que reflete a moral, os pensamentos e os valores de sua época e sociedade. Não é, portanto, um material livre de posicionamentos ideológicos e políticos. Nesse sentido, a autora alerta que o livro didático pode reproduzir ideologias e estereótipos dos grupos dominantes.

A produção de livro didático envolve uma trama imbricada e demasiadamente complexa entre os saberes que serão escolhidos para compor suas páginas pelos autores, editores, mercado, compradores e leitores finais. Entre um elemento e outro, a ação avaliadora implementada pelo Estado não pode ser desconsiderada no entendimento das possíveis relações entre o produto e o consumo, ao passo que a própria lógica do mercado inflige limites ao processo de renovação do perfil dos materiais e ao diálogo entre o saber escolar e os conhecimentos advindos dos referenciais acadêmicos. Desse modo, não se pode ignorar as possíveis consequências entre a avaliação imposta pelo Estado aos livros didáticos e o efeito desta quanto aos saberes históricos escolares que estão presentes em tais obras (Miranda; Luca, 2004).

O livro didático se tornou o maior produto de vendagem do nicho editorial brasileiro em decorrência do PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático. O PNLD foi implementado em 1985 e ampliado nos anos 90 e anos 2000, tornando-se um programa pelo qual o MEC avalia, adquire e distribui livros didáticos gratuitamente a todas as escolas públicas do país do Ensino Básico, abrangendo todas as disciplinas curriculares do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio⁴ (Cassiano, 2013).

⁴ Após a implementação e expansão do PNLD, nos anos 90 e 2000, Cassiano (2013) alerta que as empresas que lideravam a vendagem de livros didáticos, majoritariamente editoras nacionais e familiares, passaram a ser adquiridas por grandes grupos empresariais, alguns estrangeiros, como o caso do grupo midiático Prisa, que comprou a Editora Moderna, em 2001, ou com parte do capital estrangeiro, como o grupo Saraiva, que incorporou a Editora Atual. Mais recentemente, a autora também destaca o crescimento dos grupos nacionais Positivo e Kroton no setor de materiais didáticos, *Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 189-209.*

Para integrar as coleções selecionadas para compor o PNLD, as editoras inscrevem seus materiais nos editais lançados trienalmente pelo MEC. As coleções escolhidas são encaminhadas às escolas públicas e os professores de cada instituição têm autonomia para optar pelos livros de sua preferência.

As resenhas dos materiais, os critérios de seleção e a ficha técnica de avaliação dos livros didáticos empregados pela comissão avaliadora do PNLD estão disponibilizados no “Guia Digital PNLD”, no *site*⁵ do FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, com o guia próprio de cada componente curricular à disposição para consultas pelos docentes do país todo.

As coleções mais recentes que chegaram às escolas são do ano de 2020, e este é um dos critérios gerais de avaliação dos livros de todos os componentes curriculares. De acordo com o Guia, o propósito da seleção das obras é:

Estar livre de estereótipos ou preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de *gênero*, de *orientação sexual*, de idade, de linguagem, religioso, de condição de deficiência, assim como de qualquer outra forma de discriminação, [...]. (Brasil, 2020: 11, grifo nosso)

É válido ressaltar que os critérios avaliativos do PNLD atual estão pautados nas Unidades Temáticas e Habilidades contidas na Base Curricular Comum -BNCC-, que é o documento norteador dos conteúdos que devem ser ensinados em todas as escolas do país. Entretanto, como salientam Souza e Feitosa (2018), a aprovação da BNCC foi atravessada por diversas polemicas que culminaram na exclusão dos termos *gênero* e *sexualidade* de suas linhas. É possível perceber o reflexo dessa controvérsia na ficha do PNLD de 2020, da disciplina de História, a qual não contém menções a eles. Por sua vez, no parecer final dos avaliadores sobre todas as coleções de História aprovadas pelo programa, está consignado:

Nas obras aprovadas pelo PNLD 2020, as questões de gênero estudadas destacam o protagonismo da mulher de distintas classes e etnias na História, embora as ações dos homens ainda se mantenham em destaque. (Brasil, 2020: 24)

Os avaliadores também salientam que, ao possuírem a Base como guia principal dos conteúdos que devem estar presentes nos materiais, as coleções exibem poucos diferenciais umas das outras, mantendo certa

os quais também competem com o britânico Pearson na disputa pelo mercado de Sistemas de Ensino brasileiro.

⁵ O *site* pode ser consultado em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico>. Acesso em: 17 mar. 2021.

homogeneidade, o que não possibilita que o professorado tenha uma variedade de conteúdos e abordagens pedagógicas para selecionar.

Devido à relevância do material didático para as escolas do país e a sua abrangência em âmbito nacional, bem como a importância de trabalhar conteúdos relativos à gênero e História das Mulheres, é pertinente compreender como tais temáticas estão sendo abordadas nos materiais disponibilizados às escolas para os anos de 2020 a 2022. Ademais, como o foco da análise são as Mulheres da Antiguidade, os livros elencados para o estudo foram os de História direcionados ao 6º do Ensino Fundamental II, como mencionado anteriormente.

O primeiro livro didático é da coleção Geração Alpha, da Editora SM, pertencente à espanhola Fundação SM, que está presente no mercado de livros didáticos e sistemas de ensino em nove países da América Latina: Brasil, Peru, Colômbia, Chile, Equador, México, Porto Rico, Argentina e República Dominicana e em dias atuais constitui um oligopólio do setor latino-americano de materiais didáticos. Segundo o *site*⁶ da Fundação SM, a editora foi criada em Madri quando professores de colégios marianistas passam a publicar obras didáticas para complementarem suas aulas, em 1918. Todavia, somente em 1939 a tipografia de *Ediciones SM* – Sociedade de Maria – é fundada em Madri. Após o surgimento da *Revista SM*, em 1962, a editora expande seus negócios para a América Latina, chegando ao Brasil em 2004.

Os autores da Geração Alpha são: Ana Lúcia de Neni, formada em História pela Universidade de São Paulo – USP –, mestra em História Social também pela USP e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É professora do curso de História da UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo; Anderson Roberti dos Reis, licenciado em História pelas Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU/SP –, mestre em História Cultural pela UNICAMP, doutor em História Social pela USP e atua como docente na Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT – e a última autora é Débora Yumi Motooka, professora de História na rede privada.

O segundo livro é da coleção Inspire História, da Editora FTD, que teve sua primeira publicação em 1902, no Brasil. A editora pertence também a uma congregação marianista, os Irmãos Maristas, fundada em 1817, na França, e está no Brasil desde 1897. O fundador da editora marista foi o irmão Isidoro Dumont, substituto do irmão Andrônio, o primeiro autor de um livro da FTD, na direção do Colégio Carmo. FTD são as iniciais de Frère Théophile Durant, que dirigiu a congregação marianista francesa em 1883

⁶ <http://www.fundacaosmbrasil.org/fundacao/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

e incentivou a produção de livros didáticos. A FTD comprou a Editora Quinteto, em 1997, e, em 2002, anunciou contar com cerca de quatro mil obras em seu acervo e possuir mais de 1200 funcionários. A divulgação foi realizada em decorrência do aniversário de 100 anos da empresa (Cassiano, 2013).

Os autores da coleção Inspire História são: Reinaldo Seriacópoli, formado em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo e Letras pela USP, professor de História da Arte em um cursinho privado, e Gislane Azevedo, graduada em História e mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP. Possuem outras coleções de livros didáticos escritas em conjunto e publicadas por outras editoras.

O último material é da coleção Escola e Democracia, da Editora Moderna, uma empresa nacional e familiar que foi adquirida em 2001 pela espanhola Editora Santilha, pertencente ao Grupo Prisa. O Grupo Santilha também é dono de outras empresas no Brasil, como o selo Richmond, a Editora Salamandra, Sistema Uno de Ensino, Editora Objetiva e a Avalia. A Santilha é uma empresa com articulações com o governo espanhol e com diversos empresários de vários ramos, e o Grupo Prisa está presente em diversos países do mundo, além de ser o maior conglomerado midiático espanhol, no início do século XXI. Jesús de Polanco, que comandava o Prisa até o seu falecimento, em 2007, era um dos homens mais proeminentes e poderosos de toda a Espanha. A Editora Santilha forma oligopólio na área de materiais didáticos e sistemas de ensino, na Espanha, Brasil e na América Latina (Cassiano, 2013).

Os autores da Escola e Democracia são: Flávio de Campos, formado em História pela PUC/SP, mestre e doutor em História Social pela USP e docente de História também na USP; Regina Claro, graduada em História pela USP, mestra em História Social pela mesma instituição e, atualmente, capacitadora de professores da rede pública; e Miriam Dolhnikoff, formada em História pela PUC/SP, doutora em História Econômica pela USP e professora de História e Relações Internacionais na USP.

É pertinente destacar que os autores de Livros Didáticos possuem certas limitações, quando na elaboração dos materiais. As editoras estabelecem uma quantidade de páginas que não deve ser ultrapassada para as obras, podendo também definir número de páginas para determinados conteúdos. Além disso, quanto ao uso de imagens, os escritores ficam restritos ao número limitado daquelas que as editoras possuem direitos autorais. Os livros podem sofrer alterações ou acréscimos de textos e

imagens após os autores os enviarem para as editoras, e é comum terem novo acesso ao material quando este já finalizado e impresso.⁷

Levando em consideração as informações acima, a análise das obras foi feita a partir do livro do professor. Este possui um guia didático em seu início com as orientações para o docente e textos complementares, além de discutir questões metodológicas e pedagógicas da disciplina. O guia também detém informações sobre a organização do livro e da coleção. Todos os materiais possuem uma cópia das unidades temáticas e habilidades de História contempladas pela BNCC. Os guias didáticos de cada coleção são, essencialmente, iguais em todos os anos. É importante sublinhar que o único material que traz informações sobre a História das mulheres e as questões de gênero em seu guia é o Geração Alpha. Este contém alguns excertos de artigos científicos sobre certas temáticas historiográficas, como os extraídos do texto “Estudos de Gênero e História Social”, de Carla B. Pinsky.⁸ O livro do professor também contém, na maioria de suas páginas, orientações didáticas, textos complementares ou sugestões de atividades sobre o conteúdo abordado.

De modo a elaborar a análise dos materiais, seguiu-se os seguintes passos: o levantamento dos conteúdos que compõem as unidades temáticas dos livros; a pesquisa analítico-descritiva das citações sobre a História das Mulheres e das imagens femininas presentes em cada uma das obras didáticas; uma descrição reduzida, por meio de tópicos dos excertos sobre mulheres encontrados nas obras e, por fim, a organização dos dados em uma tabela com as unidades temáticas indicadas nas obras, os nomes dos materiais e os principais elementos examinados nelas.

Para melhor compreensão e visualização do estudo, foram elencados quatro tópicos de análise e os seus objetivos:

- “Imagens” - apontar se os textos sobre mulheres são acompanhados de imagens, e se esses recursos imagéticos estão acompanhados por reflexões analíticas e interpretativas;
- “Quadro ou seção” - considerar se as menções acerca do sujeito feminino figuram em quadros explicativos ou seções apartadas do conteúdo do livro. Os quadros explicativos, em sua maioria, ocupam menos da metade da página, ou estão alocados nos cantos das laudas, com poucas linhas e informações “extras”, mas relacionadas ao conteúdo. No

⁷ As informações deste parágrafo foram obtidas a partir da fala da Prof.^a Dr.^a Raquel dos Santos Funari, professora, Dr.^a em História e autora de livros e materiais didáticos, durante o Exame de Qualificação da dissertação da qual está artigo foi adaptado.

⁸ PINSKY, C. B. Estudos de Gênero e a História Social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.17., n.1., 2009, 169-189.

geral, encontram-se ao final de uma unidade temática como atividade ou texto complementar.

- “Diversidade social” - verificar se os textos sobre mulheres mencionam sujeitos femininos além daquelas das elites ou consideradas “célebres”, e tratam também das originárias de grupos sociais e jurídicos diversos.
- “Orientações didáticas/atividades complementares” - pontuar quais conteúdos sobre mulheres possuem orientações didáticas, sugestões de atividades ou textos complementares voltados para os docentes.

São estes os aspectos analisados a seguir.

Mulheres e gênero na Antiguidades nos Livros Didáticos

Os conteúdos sobre Antiguidade contemplados nas obras didáticas acerca de África Antiga, citam, principalmente, o Egito Antigo e o Reino de Cuxe, na Núbia; entretanto, o livro de Escola e Democracia também traz informações sobre outros povos da região, e o da Geração Alpha referencia a cultura Nok e o Reino de Axum. Os três materiais mencionam: a Mesopotâmia e os povos sumérios, hebreus, fenícios e persas; a Grécia Antiga, período helenístico, Roma Antiga, e os reinos germânicos.

Obra da coleção Geração Alpha:

- Na página 51, há imagem da Vênus de Willendorf; abaixo da figura, é explicado que seu significado ainda é desconhecido, porém, é citado que existe a hipótese de ela possuir um cunho religioso;
- A página 78 é toda dedicada a um texto sobre as mulheres na Mesopotâmia, no qual os autores questionam a utilização do termo *sociedade patriarcal* para designar os povos dessa região, pois o papel das mulheres poderia variar de região, cidade e classe social às quais pertenciam. O texto menciona algumas mulheres da época e é acompanhado pela figura de um relevo em pedra, com a representação de uma sacerdotisa. Em um canto da página, há um quadro em azul, contendo informações sobre a baixa representatividade das mulheres brasileiras na política, instruções para os alunos refletirem sobre a importância da igualdade política entre homens e mulheres e a razão das mulheres ainda serem minoria a ocupar cargos políticos;

- Na página 111, há um texto de meia página sobre as governantes do Reino de Cuxe, as Candaces, o qual menciona o importante papel político que essas rainhas e também mães de reis exerciam. Ao seu lado, consta uma foto de um relevo de um templo com a cena da Candace Anamilare a golpear seus inimigos;
- A mulher egípcia é referida somente em um pequeno excerto na página dedicada às atividades. Tal texto ressalta que as egípcias possuíam certa igualdade social, e é pedido que os educandos comparem o papel da mulher de Cuxe com a do Egito e, depois, comparem com a da atualidade;
- Sobre a mulher grega, o livro apresenta um texto de Fábio Cerqueira Lessa, estudioso do tema. Todavia, essa referência está em um conteúdo “extra”, disponibilizado ao fim de uma unidade temática chamada “História dinâmica”. No excerto, o autor compara a vida das mulheres da elite e do povo na pólis. Ao lado do texto há a imagem de uma ânfora representando mulheres gregas no cotidiano e algumas perguntas direcionadas aos alunos sobre o que foi lido.⁹
- No trecho sobre a família romana, na página 175, é enfatizado o papel do *pater familias* como o patriarca do lar. Somente na página 189 há uma citação, em poucas linhas, sobre a mulher romana cristã, apresentada em seus papéis de mãe, esposa e cuidadora do lar. Estas informações são acompanhadas de da imagem de um afresco do século XIX com uma mulher cristã¹⁰.

Obra da coleção Inspire:

- No conteúdo de Grécia Antiga, é mencionado que o papel da mulher ateniense variava de acordo com a sua posição social, e as informações são semelhantes às apresentadas pela Geração Alpha;

As últimas citações sobre mulheres da obra estão em “quadros explicativos”, que são denominados “Para saber mais”:

⁹ Na página 157, ao final do conteúdo sobre Grécia Antiga, há a letra da música “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque; o livro orienta o professor a ouvir a música com os alunos e a comparar com eles a situação da mulher em Atenas e na atualidade.

¹⁰ Na página 191, há uma seção chamada “História Dinâmica”, a qual apresenta um trecho de um texto da pesquisadora Silvia M. Siqueira, que analisa as imagens femininas nas catacumbas romanas. Em seguida, há algumas perguntas para os alunos responderem sobre o texto e acerca de como a autora realizou a sua pesquisa. (uma dúvida – é apresentado 1 imagem do séc. XIX e/ou imagens femininas de catacumbas romanas??)

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

- A primeira dessas referências é acerca da figura feminina romana¹¹ e o destaque é para a sua presença em banquetes, campanhas de apoio para seus candidatos políticos e organização de protestos.¹² Ao lado do texto há um afresco e a explicação de que ele representa a imagem de uma mulher romana com seu filho, sendo servida por uma mulher de menos posses. Também há outro afresco de Pompeia, com mulheres tecendo;
- O segundo quadro explicativo traz informações sobre a figura feminina germânica, enfatizando que esta possuía um papel igualitário em relação ao homem, nos direitos conjugais, além de ser considerada fonte de sabedoria, do conhecimento da medicina e das tradições religiosas;¹³
- No conteúdo de África Antiga, há um texto sobre a Rainha de Sabá, a qual teria sido uma rainha muito poderosa do Reino de Axum. Em seguida a esse trecho, há uma imagem dela, pintada em 1875, por Jean Jules Badin.¹⁴ A mulher egípcia aparece na seção “Interpretando documento”, a qual traz uma imagem de dançarinas, e é solicitado que os alunos indiquem se, a partir da figura, é possível inferir que as egípcias possuíam um papel importante naquela época;

Livro da coleção Escola e Democracia:

- As mulheres egípcias são citadas como “Mulheres poderosas”, ou seja, mulheres da nobreza que possuíam certo papel de destaque, principalmente as esposas, filhas e mães de faraós,¹⁵ Ao lado, há uma foto de busto de Hashtepisut com barba, representação do poder real do faraó. Em uma seção denominada “Olho no lance”, é pedido que os alunos comparem a imagem da atriz Elizabeth Taylor interpretando a Cleópatra com imagens de pinturas egípcias, uma vez que as representações da rainha como branca são recorrentes no cinema;
- O conteúdo sobre as mulheres atenienses está em um quadro explicativo e destaca que elas ficavam confinadas em casa e eram

¹¹ Ao final do conteúdo sobre Roma, há um texto sobre a Era Ptolomaica no Egito, o qual cita, brevemente, Cleópatra, e está acompanhado por duas representações dela.

¹² O texto explica que as mulheres romanas não participavam diretamente das decisões políticas e seu casamento era arranjado de acordo com os interesses de seus familiares.

¹³ Nas orientações didáticas desse excerto, é pedido que o professor discuta e compare com os alunos a situação das mulheres romanas e germânicas, as quais viveram em um período próximo, mas em diferentes sociedades.

¹⁴ Na página 101, há duas imagens da Rainha de Sabá de diferentes épocas, e é solicitado que os alunos comparem ambas as figuras.

¹⁵ O trecho também aponta que algumas figuras femininas chegaram a governar o Egito antigo, como Sebekeneferu, Hashtepisut e a famosa Cleópatra VI, apesar de não ser algo comum.

obedientes aos maridos. Nesse quadro, há duas fotos de ânforas com imagens representando mulheres.¹⁶ Na página 117, em um pequeno quadro explicativo, há um texto sobre a educação da mulher em Esparta, acompanhado pela estatueta de uma figura feminina do período arcaico;

- Na página 162, há um quadro contendo algumas informações sobre o que se sabe sobre a filósofa greco-romana Hipátia de Alexandria;
- No conteúdo sobre África Antiga, é lembrada a rainha Makeda, mais conhecida como Rainha de Sabá. Próximo a essas informações, há também a foto de um afresco da rainha na Igreja Gonder, da Etiópia. Nesse conteúdo, são ainda citadas, em um quadro explicativo, as rainhas guerreiras de Cuxe, acompanhadas de um relevo da pirâmide de uma Candance;
- As últimas duas citações sobre mulheres apresentadas no livro destacam a “divisão sexual do trabalho” nos povos pigmeus e bosquími; a função dos homens seria a caça e a das mulheres, o plantio, a colheita e o cuidado dos filhos e da casa.

Tabela 1¹⁷

Coleções	Geração Alpha				Inspire				Escola e Democracia			
	Image m	Quad ro/ seção	D. socia l	OD/ DC	Imagem	Quad ro/ Seção	D. Soci al	OD/ DC	Image m	Quad ro/ Seção	D. Socia l	OD/ DC
Origens da Humanidade	X											
Povos da Mesopotâmia	X											
África Antiga	X	X			X	X			X	X		
Grécia Antiga	X	X			X	X	X		X	X		
Roma Antiga	X				X	X	X		X	X		
Reinos Germânicos						X						

Ao observar as informações acima, é perceptível que algumas citações dos três livros somente destacam os papéis das mulheres “célebres” ou unicamente das que compunham as elites, enquanto outras enfatizam

¹⁶ Na seção “Rupturas e permanências”, o livro pede que o professor ouça com os alunos a música de Chico Buarque, “Mulheres de Atenas”, e, em seguida, há algumas perguntas solicitando que os alunos comparem a figura feminina atual com a ateniense.

¹⁷ D. Social é o diminutivo para diversidade social. OD/AC são siglas para orientações didáticas e atividade complementar.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

apenas o papel tradicional atribuído a elas. Entretanto, é muito positivo os trechos que procuram sublinhar as diferenças entre as figuras femininas de distintos estratos sociais, o que demonstra que os papéis de gênero ganham nuances diversos, a partir da ingerência de outras características e categorias sociais de um povo.

Outro aspecto positivo são os excertos a propósito das sociedades que possuíam certa igualdade social entre os gêneros e que destacaram a participação das mulheres na política, já que tais informações permitem que os alunos reflitam sobre como os desígnios de gênero podem ser constituídos de modos diferentes, dependendo da cultura na qual estão inseridos. A estratégia de discutir e comparar a situação das mulheres de diferentes sociedades e diversas temporalidades também possibilita que os educandos adquiram a percepção de como a construção de gênero é um elemento constituinte das relações socioculturais.

É importante mencionar que o termo *gênero* somente é citado no guia didático do livro Geração Alpha. Porém, o mesmo material, ao citar a participação de “homens e mulheres”, poderia ter utilizado a frase “ambos os gêneros”, por exemplo. A obra da Escola e Democracia usa o termo *divisão sexual do trabalho* para se referir às divisões de funções baseadas no gênero, contudo, tal terminologia é equivocada, uma vez que a palavra *sexual* possui um cunho biologizante e enfatiza unicamente os sexos biológicos do ser feminino e masculino. Os autores poderiam ter substituído a frase por “do trabalho por gênero ou divisão do trabalho baseada no gênero. É compreensível que os autores não tenham buscado se aprofundar nas concepções teóricas da palavra *gênero*, pois o significado do termo *gênero*, enquanto uma construção sócio-histórica da masculinidade e feminilidade, pode ser muito complexo e muito abstrato para os alunos do 6º ano.

Na análise dos três livros, foi possível verificar que a figura feminina ainda ocupa pouco espaço entre suas páginas, visto que os textos sobre ela são, majoritariamente, curtos. Além disso, a maioria das citações estão em quadros explicativos ou em seções apartadas do conteúdo principal, como se a História delas fosse uma curiosidade ou um adendo da História Geral. A maioria das imagens não possui uma explicação aprofundada, e sua representação torna-se meramente ilustrativa.

Para aprofundar o estudo das obras didáticas, é relevante trazer contribuições da perspectiva das teorias curriculares multiculturalistas, as quais tem a possibilidade de promover reflexões a respeito das diferenças e desigualdades presentes nas abordagens dos materiais.

Gênero e História das Mulheres nos livros didáticos: reflexões por meio da perspectiva multiculturalista crítica

Nos livros didáticos analisados, as Histórias das Mulheres e as questões de gênero são apresentadas em menor ou maior quantidade, a depender da coleção ou da obra. Contudo, ao estudar os materiais sob a ótica multiculturalista, é válido questionar: destacar as diferenças entre mulheres e homens, no decorrer da História, é o suficiente para que os educandos compreendam como as desigualdades de gênero foram sendo (re)produzidas nas interações assimétricas de poder? Como pensar as “diferenças” para além da perspectiva da “tolerância” e “respeito”, visando a alcançar o prisma da compreensão e da desconstrução¹⁸, sendo que a História das mulheres ainda é uma temática secundarizada, nos livros didáticos?

O multiculturalismo é um fenômeno que se originou nos Estados Unidos, onde os grupos considerados marginalizados ou subalternizados, como o de negros, mulheres, povos nativos e imigrantes, questionaram as estruturas curriculares e educacionais que expressavam os privilégios sociais de uma cultura dominada pela ótica masculina, branca e heterossexual. Esses coletivos buscavam ter as suas culturas e identidades representadas e reconhecidas, no país. O multiculturalismo se tornou um instrumento político potente, pois trouxe para o campo político-social discussões sobre a construção das diferenças e das pluralidades humanas, até então realizadas somente em âmbito acadêmico (Silva, 2015).

Tal perspectiva compreende que as diferenças entre os seres humanos são constituídas hierarquicamente, por meio das relações de poder, ou seja, o “diferente” só pode existir se tiver um “normal” para ser comparado a ele. O “Outro” social não existe sozinho, mas é estabelecido com base em algo que não é ele. O “diferente” é avaliado como exótico ou negativo paralelamente ao “não-diferente”, que está no polo positivo da avaliação, e tais diferenças só podem ser construídas quando há assimetrias de poder (Silva, 2015.) O multiculturalismo se interliga com as questões de gênero, uma vez que gênero é um elemento constituinte das relações de poder, o qual também define as diferenças e, nesse caso, as diferenças e desigualdades referentes ao ser feminino e ao ser masculino e à associação entre eles.

¹⁸ “Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la”. (Culler, 1999: 122)

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

Todavia, o multiculturalismo não é uma perspectiva homogênea. Hall (2003) e Silva (2015) apontam que existem as seguintes modalidades:

- Multiculturalismo conservador: a cultura hegemônica tentar incorporar as tradições dos grupos marginalizados à sua;
- Multiculturalismo liberal: compreende que as diferenças humanas são constituídas por meio de processos histórico-sociais distintos, e que elas devem conviver pacificamente, unidas por meio do processo da democracia igualitária;
- Multiculturalismo crítico: pode ser dividido em dois campos, um de inspiração pós-estruturalista e outro alicerçado na perspectiva marxista. O primeiro estabelece que as diferenças são constituídas por meio da linguagem e dos discursos de significação, não podendo ser entendidas fora do processo linguístico que relaciona o “diferente” ao “normal”. Por seu turno, a visão marxista destaca o papel das estruturas econômicas e políticas no centro dos processos que concebem as desigualdades e preconceitos, em função das diversidades culturais. O racismo, por exemplo, não pode ser combatido somente com mudanças linguísticas, visto que é necessário, também, combatê-lo por meio de transformações estruturais.

O currículo multiculturalista de visão crítica prevê que as diferenças não devem ser apresentadas ou trabalhadas em sala de aula pelo viés da “tolerância” e do “respeito”, já que essa perspectiva exprime um sentido totalmente naturalizado e neutro das diferenças. Entretanto, o “diferente” e o “desigual” não são características inatas do ser humanos, mas são, permanentemente, concebidas e reconstituídas por meio das interações socioculturais. Portanto, um currículo multiculturalista crítico não se preocupa somente em enfatizar a existência da “diferença”, mas problematizar os processos que levam à construção e à reprodução constante do “outro”, no bojo das relações de poder, e isso inclui o estabelecimento da dicotomia do feminino versus o masculino.

Ao refletir sobre os materiais didáticos norte-americanos, Apple (2006) enfatiza que a pressão dos grupos marginalizados nos Estados Unidos fez com que o currículo e a educação fossem repensados, todavia, os grupos dominantes procuraram incorporar o multiculturalismo conservador e “mais moderado” às escolas. Os materiais didáticos, segundo o autor, têm menções pequenas à História dos coletivos subalternizados, em seções apartadas do conteúdo geral, como se fossem acréscimos à cultura hegemônica, ou seja, não há várias páginas destacando o passado das mulheres, dos negros, dos latinos e dos indígenas. O multiculturalismo

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

conservador, portanto, mantém o *status quo* do grupo dominante, ao mesmo tempo que justifica estar abrindo “espaço” para as novas demandas sociais; é uma ferramenta que o coletivo hegemônico utiliza para implementar uma lógica de dominação aos próprios movimentos que o contestam.

Para uma educação multiculturalista crítica que realmente questione as construções das “diferenças” e suas configurações, por meio de redes de poder, Apple (2006) alerta que é necessário enfatizar como os grupos marginalizados construíram a história dos Estados Unidos e de outras nações, e como as culturas dominantes se beneficiaram e ainda se beneficiam das estruturas de poder racistas, patriarcais e preconceituosas. Ademais, é preciso que a ótica e a visão desses grupos sobre a História sejam realçadas, não bastando, unicamente, citá-los em “quadros explicativos”. O autor finaliza seu pensamento argumentando: “Sem essa parte da história, não há história.” (Apple, 2006: 248)

Ao observar os livros didáticos analisados e suas representações de História das mulheres e das questões de gênero, é possível perceber que possuem muitos elementos do multiculturalismo conservador, visto que apresentam, em várias ocasiões, a História das mulheres em quadros explicativos diminutos, nos cantos e rodapés das páginas, como se esta fosse um adendo da História geral; usam grande parte das imagens como recurso ilustrativo; disponibilizam poucas páginas para o assunto e não utilizam ou conceituam o termo *gênero*, ademais a História da população LGBTQIA+ foi integralmente silenciada.

Entretanto, algumas menções trazem uma perspectiva um pouco mais próxima do multiculturalismo crítico, ao citarem, por exemplo, sociedades em que as mulheres possuíam certa igualdade social, como a egípcia, o Reino de Cuxe, povos da Mesopotâmia, germânicos e iorubás, visto que esses conteúdos permitem que os estudantes reflitam acerca de como a construção do gênero é interdependente da cultura na qual está inserida. É extremamente positivo que todos os livros procuraram apresentar conteúdos sobre mulheres africanas na Antiguidade, ainda que as informações sejam poucas.

O livro da Inspire sublinha a presença das mulheres romanas em banquetes, em protestos e em campanhas políticas, mesmo elas não podendo participando diretamente do sufrágio romano, o que pode contribuir para o alunato compreender que ainda que as figuras femininas, em determinadas sociedades, tivessem suas funções sociais limitadas, não impedia que esses sujeitos criassem outras formas de sociabilidade para tentar burlar certas regras.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 - 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

Ademais, tanto conteúdos que trazem a História de povos nos quais as mulheres e homens tinham em certa medida igualdade social, quanto elencar informações de diferentes formas de vivência e sociabilidade feminina, possibilitam que os educandos desassociem a imagem da Antiguidade como um período de completa “opressão ou submissão” das mulheres, como se em toda a História Antiga seus únicos papéis fossem cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos.

Outro ponto que deve ser mencionado é a estratégia didática de solicitar que os alunos comparem a situação das mulheres de épocas diferentes com a atualidade, como foi o caso da obra da coleção Geração Alpha, método pelo qual os alunos problematizam as questões de gênero na História, partindo de reflexões sobre o seu cotidiano.

O conteúdo da Geração Alpha acerca da mulher ateniense destaca as funções distintas das figuras femininas, dependendo de seu estrato social, naquela sociedade; ao mencionar as mulheres romanas, o livro da Inspire também acentua a mesma questão. Ademais, a obra da Escola e Democracia solicita que o alunato compare a figura da Cleópatra de Elizabeth Taylor, representada no cinema, com as imagens de figuras femininas egípcias, orientando os educandos a questionarem o embranquecimento dela. Tais conteúdos permitem a compreensão de que as questões de classe social e raça/etnia são categorias que influenciam diretamente os desígnios de gênero.

Portanto, mesmo que as coleções contenham muitas componentes de uma pedagogia multiculturalista conservadora, os materiais trouxeram alguns conteúdos que empregaram estratégias didáticas que possibilitam aos alunos dimensionar e contextualizar a História das mulheres, além de compreenderem os processos históricos de rupturas e permanências circunscritos às relações de poder, que constituem e constroem as diferenças e as determinações desiguais de gênero.

Considerações Finais

Ao analisar como a História das Mulheres da Antiguidade e as relações de gênero são apresentadas e abordadas nos materiais didáticos estudados, a luz das teorias multiculturalistas, é perceptível que os livros se aproximam do multiculturalismo conservador, uma vez que poucas páginas são dedicadas as Histórias dos sujeitos femininos; elas ainda ocupam espaços em quadros explicativos, como se fossem adendo ou acréscimo de uma suposta História Geral; outro ponto problemático é em relação as

representações imagéticas de mulheres, que, em alguns casos, não apresentam uma análise para os educandos, tornando-se um recurso ilustrativo.

Entretanto, os livros didáticos também possuem elementos do multiculturalismo crítico, ao trazerem Histórias de povos em que as figuras femininas e os masculinos possuíam igualdade social; além de conter conteúdos sobre diversas formas de sociabilidade e vivências das mulheres, as quais não se encontram na figura estereotipada da “esposa-mãe-dona-de-casa”. Além disso, as obras portam comparações entre as diferentes funções femininas de acordo com seus *status* social em uma determinada sociedade, o que tem a potencialidade de promover reflexões sobre os atravessamentos de classe social e gênero.

Desse modo, por mais que os materiais tenham se aproximado da perspectiva multiculturalista conservadora, eles apresentaram informações, conteúdos, estratégias e métodos de ensino que têm a potencialidade de promover reflexões acerca de como as desigualdades e diferenças entre homens e mulheres não são inatas ao ser humano, mas são produtos sociais construídos no seio das relações assimétricas de poder. E, como constructos culturais, tais desigualdades têm a possibilidade de ser desconstruídas, ao longo do tempo, por meio da compreensão de como são (re)produzidas nas vivências humanas.

Referências

Documentos analisados

BRASIL. *Guia de Livros Didáticos PNLD 2020: História*. Brasília: MEC, 2019.

CAMPOS, F.; CLARO, R.; DULHNIKOFF, M. *História: Escola e Democracia: 6º ano*. São Paulo: Moderna, 2018

NEMI, A. L. L.; REIS, A. R.; MOTOOKA, D. Y. *Geração Alpha: 6º ano*. São Paulo: SM Educação, 2018.

SERIACOPI, R.; AZEVEDO, G. *Inspire História: 6º ano*. São Paulo: FTD, 2018.

Referências Bibliográficas

APPLE, M. W. *Ideologia e Currículo*. Porto Alegre-RS: Artmed, 2016.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021.1. p. 189-209.

DOI: 10.34024/herodoto.2021.v6.13790

BITTENCOURT, C. M. F. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.

CASSIANO, C. C. F. *O mercado do livro didático no Brasil do século XXI: a entrada do capital espanhol na educação nacional*. São Paulo: Editora Unesp, 2013

CULLER, J. *Sobre a Desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

GATTI JÚNIOR, D. *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

HALL, S. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: UNESCO, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. M. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. (2a ed.). Rio de Janeiro: E.P.U, 2015.

MIRANDA, S. R.; LUCA, T. R. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNL D. *Revista Brasileira de História*, vol.24, n° 48, 2014, 123-144. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200006. Acesso em: 05. Maio. 2021

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol.15, n° 2, 1990.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução as teorias do currículo*. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2015.

SOUZA, M. P.; FEITOSA, L. C. Olhares sobre as mulheres da antiguidade em livros didáticos: (des)construindo estereótipos de gênero? *Revista Hêlade*, vol. 4, n° 1, 2018, 183-205. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/13283>. Acesso em: 05. Maio. 2021